Ano VII — Lisboa, Abril de 1951 — N.º 72

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

O CHEFE PERANTE A SUA MISSÃO

«O verdadeiro chefe é aquele que, além de organizar e dirigir o seu grupo, sabe ser em primeiro lugar um entusiasta apaixonado, um homem vigilante...».

PIERRE SAINDERICHIN

Segundo nos diz B.-P., e até onde a experiência de cada um o pode confirmar, não é o cargo de chefe-escoteiro uma missão cujo desempenho seja transcendente ou reservado a indivíduos com qualidades excepcionais. Embora tenha os seus escolhos, como geralmente todos os cargos ou profissões os têm, a tarefa dos nossos chefes é em grande parte facilitada pela forma prática como a educação escotista deve ser ministrada. Se assim não acontecesse, teríamos de convir que as finalidades do Escotismo estavam sèriamente comprometidas, por carência de indivíduos com os predicados essenciais para guiar, com aproveitamento, as unidades escotistas. Como os mais velhos podem testificar, tem havido até dirigentes, mesmo no nosso País, com medíocres habilitações que alcançaram bons resultados na aplicação do método escotista.

Porém, este facto originou um equívoco que urge destruir quanto antes, para que não continue a haver quem se deixe embalar por miragens enganadoras. É que há muitos que interpretam esta facilidade que o Escotismo oferece na sua aplicação, como uma desculpa para encararem de ânimo leve essa missão que é da maior responsabilidade — a missão do escoteiro-chefe. É bom salientar que, se o Escotismo não reclama do dirigente um estofo ou formação invulgares, não o dispensa contudo de uma preparação adequada e de um devotamento completo, para que o trabalho produzido se caracterize objectivo, disciplinado e útil e, ainda, sugestivo para os rapazes a quem ele é dedicado.

Jean Pellegrin, no seu livro «*Trente Garçons*», afirma que «*é inconcebível que um chefe não tenha cultura escotista, mas seria desastroso que ele fosse um rapaz sem cultura*» e, se demorarmos a nossa atenção sobre este importante problema, observaremos que ao chefe tudo tem de interessar, desde que contribua para robustecer a sua cultura. «*A nossa disposição de espírito*» — diz Pierre Sainderichin, chefe escotista francês, — *deve ser a curiosidade activa e abnegada, levando-nos até à descoberta. Leiamos que mais não seja os jornais, vamos aos espectáculos, escutemos a rádio, alarguemos os nossos horizontes*». Temos de desenvolver no escoteiro o gosto por todos os problemas, desde os desportos e a vida no campo, até às ciências e artes, e se ignorarmos por completo essas fontes de cultura, como poderemos suscitá-las nos nossos rapazes?

Outra faceta da acção do dirigente escotista deve mostrar o seu entusiasmo, imaginação e bom gosto. O chefe tacanho, o chefe que desempenha o seu cargo còmo quem leva uma cruz, transforma as actividades do seu grupo em jornadas fastidiosas e sonolentas, a que os rapazes não resistem. Se o chefe não se interessar pelo seu trabalho, como poderá desenvolver, com actividades despidas de atractivos e de imaginação, o entusiasmo dos seus rapazes? Um grupo só pode progredir se o chefe VIVER contínua, intensa e apaixonadamente a tarefa que pretende levar a bom fim. Só assim ele conseguirá ultrapassar-se a si próprio, só assim poderá tornar-se, aos olhos dos escoteiros, o *herói* de que nos fala B.-P., o homem *que sabe tudo*, o homem calmo perante as dificuldades, em quem se pode confiar, a quem se pode seguir, o *irmão mais velho* dos seus rapazes.

(Conclui na 7.ª página)

Dia do Escoteiro

23 de Abril — Dia de S. Jorge — data escolhida para comemorar o Dia do Escoteiro. Nesse momento, milhares de rapazes espalhados por quase toda a terra, separados por oceanos, continentes, fronteiras; por diferenças de opinião, de crença, de raça e de língua, estarão unidos, ratificando a Promessa e afirmando o seu constante desejo de prosseguir a luta do Cavaleiro S. Jorge contra o Dragão do Mal, combatendo-o por toda a parte, a principiar pelo seu próprio coração.

Convém que cada um de nós, escoteiros, aproveite a data desta comemoração para meditar no seu significado, sentindo-se verdadeiramente irmanado com os seus camaradas de todas as nações e tendo a consciência da sua comparticipação num Movimento de âmbito universal, afirmação de um Ideal que volta as costas à Maldade e olha confiante para o Bem, como alvo a atingir.

Num Mundo onde tantas coisas nos dividem, onde se criam mesmo barreiras imaginárias, de imaginárias «cortinas» e «paralelos», deitando-se constantes acfias na fogueira do ódio e das paixões, é de aproveitar e desenvolver tudo o que nos possa unir e congraçar, revestindo-se de um valor precioso uma data que expressa um voto de Paz e Amizade.

Que no dia 23 de Abril cada escoteiro possa tornar mais profundo o seu Ideal de Fraternidade e o seu afã de luta sem quartel a todo o Mal.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Um inquérito do «Sempre Pronto» aos seus leitores

Devem os escoteiros fumar?

Publicamos hoje mais dois depoimentos. Duas maneiras de ver, um tanto diferentes das que temos inserto. Já aparece um leitor que não vê inconveniente no uso do fumo. Terá ele razão nas suas afirmações? Serão os nossos leitores os juízes.

O Antigo Escoteiro José da Costa Sequeira acha que «todo o escoteiro deve ser livre na escolha, fumar ou não fumar, conforme a sua consciência lho ditar».

Eis a minha maneira de ver:

O tabaco não é de modo algum tão prejudicial como muitos o proclamam e, senão, vejamos:

1.º — Se o tabaco é um veneno, segundo a opinião de várias pessoas, devemos ter em conta que o arsénico também é um veneno, e, no entanto, faz parte integrante de muitos remédios que obtemos por indicação médica, e que tantas vezes salvam da morte algumas pessoas.

2.º — Se o tabaco é um desperdício de dinheiro, também devemos ter em conta que esse dinheiro, que nós gastamos no tabaco que consumimos, vai dar pão a muitos lares, visto que na indústria do tabaco trabalham alguns milhares de homens e mulheres.

3.º — Dizem que o fumar encurta a vida humana. Nesse caso como explicar que precisamente os velhos lobos do mar, homens rudes e sadios, fumem o seu cachimbo, até a idades avançadas, onde parte daqueles que não fumam nunca chegarão?

4.º — Além de todas estas leves considerações, que eu poderia levar muito mais longe, temos ainda de verificar que, apesar do tabaco ser tão nocivo como apregoam, mesmo assim há centenas de médicos que fumam, e bem.

Por isso a minha opinião é que todo o escoteiro deve ser livre na escolha, isto é, fumar ou não fumar, conforme a sua consciência lho ditar.

José da Costa Sequeira
Antigo Escoteiro do 53

Dá-me tristeza ver que a solicitude de fundos ocupe um lugar tão proeminente na organização de um Grupo. Nós sempre infundimos no rapaz que os fundos se devem conseguir por um esforço cooperativo dos próprios rapazes. É uma das primeiras lições sobre serviço à comunidade. Tratemos de os ensinar que não devem depender da beneficência ou da caridade, mas bastar-se a si próprios e sustentar-se pelo seu próprio esforço.

Baden-Powell

«Os que ainda o não fizeram, não se habituem a fumar, porque o uso do tabaco não satisfaz qualquer necessidade do nosso organismo e traz graves perigos», assim se expressa o Escoteiro-Sênior J. Estêvão da Silva.

O assunto já está por demais devassado, mas nem por isso quero deixar de o versar.

Não deve fumar-se? É evidente que não.

Tenho presente dois livros básicos do nosso Movimento: «Caminho para o Sucesso» e «Scouting for Boys», ambos escritos pelo nosso sempre saudoso chefe Lorde Baden-Powell, transcrevendo do segundo a seguinte passagem, que muito se pode aplicar a uma grande maioria de Escoteiros-Chefes (?) e mais dirigentes escotistas: «... Também conheço um industrial que fuma, mas não tolera aos seus oficiais semelhante vício». Em ambos não encontro um «NÃO» tão escarnecível como empregam Antigos-Escoteiros, e palavras categóricas como alguns dirigentes administrativos, que nunca fumaram nem pensam fazê-lo, pelo que muito os felicito, mas uns amáveis «NÃO DEVEM», que muito contribuem para uma juventude em formação.

Os médicos sabem, embora muitos fumem, que o vício de fumar é causador de inúmeras doenças.

O vício de fumar constitui um perigo para a mocidade; é quase sempre adquirido antes de haver a verdadeira noção do mal que se contrai, predominando apenas na mente da «futura vítima» a ideia de que, absorvendo aquele veneno escuro e fazendo da boca e das fossas nasais uma chaminé, será considerado um homenzinho, e sentir-se-á mesmo um homem.

O vício de fumar é causador de inúmeras doenças? perguntam certamente os nossos Juniores e alguns Seniores que, felizmente, ainda não contraíram esse hábito. Sim, é causador de inúmeras doenças! O tabaco ataca o cérebro e o coração; provoca o cancro e a diabetes. Diminui a memória, a vista, o ouvido e o crescimento. Enfraquece o fígado, os pulmões, os músculos, etc., etc..

Não tenho o desejo de ocupar muito espaço no nosso «*Sempre Pronto*», espaço este que muita falta nos faz, e, neste sentido, vou terminar com esta conclusão: Os que contraíram o vício de fumar, que fumem, sem prejuízo para com o 9.º art.º da nossa Lei; mas os que ainda o não fizeram *não se habituem* a fumar, porque o uso do tabaco não satisfaz qualquer necessidade do nosso organismo e traz graves perigos.

Lisboa, 18/3/951.

Sinceramente vosso

J. Estêvão da Silva
E. S.

• • •

N. da R. — Publicamos todos os depoimentos que recebermos sobre o assunto. Manteremos, porém, reserva na publicação de polémica com outros depoimentos já feitos. Não recusaremos a publicação de polémica, mas exigimos que ela seja feita em termos corteses.

No trabalho acima, o nosso estimado depoente esqueceu-se que a nossa pergunta é: **DEVEM** *OS ESCOTEIROS FUMAR? Portanto, quanto a resposta é* **NÃO**, *subentende-se que é* **NÃO DEVEM**, *já que se refere à nossa pergunta, e está, portanto, de harmonia com a opinião do Fundador.*

Temos já em nosso poder um bem elaborado depoimento do E. C. D. Sr. A. Álvaro Dória, que contamos publicar no próximo número.

ESCOTEIROS DE PORTUGAL

SERVIÇOS CENTRAIS

Em virtude de sucessivamente terem pedido a demissão dos cargos que desempenhavam na Direcção Central os Srs. Dr. Baltasar Rebelo de Sousa, Secretário Geral; Eduardo Ribeiro, Tesoureiro Geral; e Luís Grau Tovar de Lemos, Escoteiro-Chefe Geral; o Sr. Presidente da A. E. P. procedeu à remodelação daquela Direcção que ficou assim constituída:

Eng.º José Maria Nobre Santos, Presidente Interino e Secretário das Relações Internacionais; Eng.º José Amaro, Secretário Geral; João Amadeu Martins, Tesoureiro Geral. O lugar de Chefe Geral será provisòriamente desempenhado também pelo Eng.º Nobre Santos.

Os Adjuntos da Tesouraria, Srs. Eduardo Rolão e Carlos Fernando Garcia, solicitaram a sua demissão e todos os Adjuntos dos serviços reorganizados foram considerados demitidos por solidariedade.

A nova Direcção, constituída por elementos cuja dedicação pelo Escotismo é bem conhecida e com qualidades de trabalho apreciáveis, continua a ter à sua frente a tarefa de reorganizar o Movimento, cuja urgência é manifesta. Fazemos votos sinceros de que possa ser mais bem sucedida do que as Direcções que lhe antecederam, para o que continua — como as anteriores — a contar com a cooperação do «*Sempre Pronto*», sempre que estiver trabalhando para tão importante fim.

• • o • •

Notícias da Região Centro

Visitas a diversos Grupos

O Chefe Regional tem estado a visitar os Grupos da Região Centro, no que tem sido acompanhado pelos Srs. António Mira Calhau e Miranda de Melo, respectivamente Escoteiro-Chefe Geral Adjunto e Chefe do D. P. D.

No dia 21 de Janeiro p. p., visitaram o Grupo 67, de Setúbal, e nos dias 13, 16, 17 e 18, respectivamente os Grupos 99 de Lisboa, 16 de Carcavelos, 2 de Lisboa e 93 de Sintra.

O POW-WOW DO VELHO LOBO

3.ª PALESTRA

Meus irmãos:

Disse-vos antes que a Lei é a base fundamental do Escotismo. Se algum dia meditastes, como é vosso dever, esses dez artigos, por certo vos impressionou a sua simplicidade e a sua clareza. Comparei-os já uma vez ao Decálogo de Moisés: agora vo-lo repito. As razões por que o faço são muito simples: ambas as Leis têm uma base moral, com vista à orientação individual e colectiva. A Lei de Moisés visa ao aperfeiçoamento moral do crente e da sociedade composta de crentes; a Lei do Escoteiro pretende o vosso aperfeiçoamento moral e da sociedade que um dia vos contará como seus membros.

Assentemos, porém, desde já nesta verdade: a Lei do Escoteiro não impõe, *insinua*. Esta insinuação é *todo* o segredo do Escotismo. Reparai, por exemplo, no tom categórico de alguns dos preceitos moisaicos; seja este: «*Não* matarás». Ordem imperiosa, preceito cominatório a impressionar fortemente as consciências, norma imperativa por detrás da qual sentimos, ouvimos a Voz forte e potente que retumbou outrora pelas solidões do Sinai, entre raios, relâmpagos e trovões!... Na verdade, meus rapazes, impressiona. E no entanto, apesar desse tom imperativo, dessa ordem imperiosa, que traduzia uma proibição cheia de humanidade e de amor do próximo, quantos e quantos crimes não enchem as páginas da história do povo de Israel, ainda mesmo quando ele não atingira o país de Canaan!

Reparai agora na simplicidade lógica da nossa Lei. Comecemos pela 1.ª, tal como B.-P. a ensinou, pela primeira vez, há mais de 40 anos. Pena é que eu vo-la não possa traduzir literalmente do inglês, com o que, embora ganhe a correcção formal da nossa língua, perde muito a impressividade da frase inglesa:

Deve confiar-se na honra do Escoteiro

(A Scout's Honour is to be trusted)

Reparai que em inglês foi uma forma verbal de extrema simplicidade — *is (é)* — que B.-P. empregou. *É* — quer dizer: temos de admitir o facto como verdade incontestável; não pode, sequer, duvidar-se de que não se possa confiar na honra do Escoteiro.

> «Se um Escoteiro — escreveu Baden-Powell — disser: *Palavra de honra que é assim*, isso quer dizer que é assim, exactamente como se ele tivesse feito o juramento mais solene».

Pensastes vós, meus rapazes, no que têm de solene estas palavras: *Dou* **a minha** *palavra de honra?* Decerto que pensastes, porque sois Escoteiros. E ser Escoteiro é, acima de tudo, *cumprir* a Lei, tudo fazer para a cumprir, tal como o pequeno escoteiro John Travers Cornwall ao recusar-se a abandonar o seu posto no navio batido da metralha, durante a famosa batalha da Jutlândia.

Vós pensastes nisso, decerto. Mas quantos rapazes — e até homens!... — empregam, a cada passo, a «palavra de honra» (?), a propósito e a despropósito de tudo... Quantos há que, com a desfaçatez mais impudica, com fingida sinceridade, com um poder de persuasão digno das mais nobres causas, empregam a «palavra de honra»? Deus o sabe...

Que ideia farão da *honra* essas tristes criaturas, para assim a envilecerem com a trivialidade do seu exemplo? Nenhuma, por certo, pois de tal palavra — tão nobre, tão significativa, tão cheia de espiritualidade — se servem, utilizando-a por forma tal, que lhe tira todo o prestígio e toda a força.

Exactamente como o ateu daquela conhecida história que, um dia, para afirmar o fervor das suas crenças inabaláveis na não-existência de Deus, dizia que era ateu, *graças a Deus*!... Deus era para ele palavra sem significado, simples bordão de conversa; por isso negava a divindade... firmando-se-lhe no nome.

Vós sois Escoteiros. Ser Escoteiro não é, como já vos disse, ùnicamente envergar um uniforme, acampar, frequentar a sede umas tantas vezes por semana e ostentar a Flor de Lis na botoeira: é, *acima de tudo*, procurar, *voluntàriamente*, o nosso aperfeiçoamento moral, para que a sociedade a que pertencemos possa, igualmente, aperfeiçoar-se; é, antes de tudo, *servir*. Portanto, cada um de vós tem de fixar no seu espírito esta verdade comezinha: a primeira condição para que um Escoteiro se imponha no conceito dos «rostos pálidos» é que nele confiem, nele acreditem: na *sua* palavra, no *seu* esforço, na *sua* missão. É preciso, pois, que, no desejo de, realmente, tirar do Escotismo o primeiro benefício de entre tantos que ele deve levar à alma de cada rapaz, cada um dê a *sua* palavra de honra a **si próprio** de que empregará todos os esforços para cumprir a Lei. Fazendo-o, todo o esforço futuro será mais fácil; e assim, adquirido o *hábito* do cumprimento do dever, a noção deste impor-se-á a cada um, por forma a jamais a poder esquecer.

Não mintais a vossos pais, a vossos mestres, a vossos camaradas, a vossos chefes, a vossos amigos. Sobretudo, *não mintais a vós próprios, à vossa consciência*. Se o fizerdes, cedo ou tarde, ela se erguerá perante vós, como Juiz incorruptível e inexorável, a impor-vos um ferrete de ignomínia que vos acompanhará até além da morte: MENTIROSO!

O VELHO LOBO NEGRO DO NORTE
E. C. D.

LIVROS ESCOTISTAS

À venda na redacção do «Sempre Pronto»

EM FRANCÊS

Tresses et Nœuds décoratifs ..... 15$00
Les Ponts ..... 15$00
Aventures Africaines, de B.-P. ... 22$00
Franchis l'obstacle, de B.-P. ..... 22$00
B.-P., por E. E. Reynolds. ..... 21$00
Jeux d'Eclaireurs, de B.-P. ..... 22$00
Pour devenir un homme, de B.-P. . 22$00
Les 1001 activités de l'éclaireur, de B.-P. ..... 21$00
Le livre des Eclaireuses, de B.-P. 23$00
Le Guide du Chef Eclaireur, de B.-P. 16$50
Le Manuel du Chef de Patrouille, Hillcourt..... 25$00
Santé, Education Physique, Sports, Contrôle Médical..... 4$00
Eclaireurs, (Tradução francesa do «Scouting for boys»)..... 23$00
Pistes de Jungle, (caderneta do lobito), muito ilustrada a cores.. 15$00

EM ESPANHOL

Rovers, de Gilcraft..... 20$00
Lobatos, de Gilcraft..... 20$00
Montañismo, Novidade Literária, a esplêndida obra de Enrique Genovés, muito ilustrada ..... 35$00

EM PORTUGUÊS

Aplicando o sistema de patrulhas, de E. E. Reynolds, esclarecedora história exemplificando o sistema de patrulhas, edição brasileira ..... 4$00
O Guia do Chefe Escoteiro, de Baden-Powell, a obra do Fundador indispensável a todos os dirigentes..... 11$00
Curso de Monitores, interessantes lições de um curso de guias de patrulha da Região Riograndense da U. E. B..... 12$50
Como se dirige uma alcateia, por Vera C. Barclay, uma obra clássica de lobitismo ..... 12$50
O Livro dos Lobinhos, de Baden-Powell ..... 12$50
O Adestramento de Chefes ..... 4$00

■ ■

Revista brasileira «ALERTA!...»

Assinaturas na Redacção do «*Sempre Pronto*» a 10$00 por semestre e 18$00 por ano.



Benevenuto Cellini dos Santos, autor do conto que hoje inserimos e que recortámos do livro «Os mandamentos do Escoteiro», foi um entusiasta dirigente escotista brasileiro, que faleceu em 2 de Janeiro de 1927. Escritor fluente, deixou uma vasta obra literária escotista, poesias e canções, compondo para estas a própria música.

O Escoteiro é obediente

O instrutor Alexandre falava para os seus escoteiros, em semicírculo à sua frente:

— O exercício que vamos fazer põe em prática diversos artigos da Lei, como acontece geralmente; mas sobretudo o artigo 2.º, que eu não preciso repetir. É necessário que cada um de vocês se compenetre bem disso...

Todos os rapazes, atentos às palavras do instrutor, procuravam aproveitar bem o sentido do que ele dizia. Um deles, entretanto, olhava distraído uma nuvem que passava, encastelada e muito brilhante dos raios do sol, e achava-lhe, na imaginação, a forma de um camelo. O instrutor continuou:

— Trata-se de um exercício de dupla acção. O nosso grupo, que se compõe de quatro patrulhas, vai ficar encarregado de vigiar a linha, que se estende desde o cabo do Peixe até a clareira do Cedro, com a incumbência de não deixar passar nenhum mensageiro, impedindo assim a comunicação do grupo dos Bem-te-vis com o grupo dos Corcorocas. Entram neste exercício de conjunto escoteiros de terra e do mar. Vocês vêem que é um exercício importante!... Preste atenção, Mário!

—Estou prestando... —respondeu o rapaz que via camelos nas nuvens.

—O grupo que vencer o exercício terá 500 pontos, que é o total necessário para conquistar o trofeu de fitas para o seu pavilhão. Portanto conto com vocês para ganharmos este primeiro prémio do *ajuri*. Se alguém precisa de mais explicações, pode falar.

— O que se deve fazer ao adversário que tentar atravessar a linha? —perguntou um guia.

— Dizer-lhe: «*É nulo!*», e ele deve imediatamente entregar o seu lenço e constituir-se prisioneiro.

— E se ele não quiser entregar o lenço?—indagou outro.

— E porque não há de querer, se é a regra do jogo? Só se for um indisciplinado. Não é escoteiro. Nesse caso toma-se bem nota dele, das suas feições, para reconhecê-lo depois...

— E deixa-se passar?—disse um.

— Prende-se à força!—declarou outro.

— Isso nunca!—redarguiu o instrutor.—Cada um assume a responsabilidade e as consequências da sua indisciplina. Que passe e depois que se explique com os árbitros do jogo. Entenderam?

— Já entendemos.

— O exercício começa às 9 horas em ponto. São 8½, temos tempo de estender a linha. Cada um ficará no posto mais conveniente, espaçadas as sentinelas de 20 a 30 metros, conforme os acidentes do terreno. Os guias percorrerão os sectores. Podem ir!

— Quem dispõe os postos?

— O guia mais antigo.

— Então é você!—disse o guia Alberto para o seu colega Félix.

Este assumiu o comando com as palavras:

— Grupo! À minha voz!... Seguir o chefe!

E a um de fundo os escoteiros puseram-se em marcha acelerada para o pequeno promontório que, ao Norte, fechava a praia em que se passava esta cena.

O instrutor viu-os afastarem-se; depois, subindo o declive da praia, internou-se na restinga alta que precedia a mata. Ia tranquilo e confiante na vitória do seu grupo.

O guia Félix dispôs os escoteiros em postos equidistantes, e a cada um que colocava repetia em resumo as explicações dadas pelo instrutor. Chegando a vez do escoteiro, que vira o camelo nas nuvens e que se chamava Mário, este respondeu ao guia, interrompendo-lhe as explicações:

— Já sei! Já sei!... eu não sou surdo...

O guia encarou-o fixamente e, sem dizer mais palavra, seguiu adiante.

Mário ficou colocado sob uma árvore, em meio de uma macega, já na zona da mata; e em vez de fazer como devia, e como os seus companheiros fizeram, o reconhecimento rápido dos arredores, orientando-se bem no seu posto, sentou-se e começou a brincar com as folhas secas, afastando-as com um graveto, em caça às formigas, que por ali se perdiam.

II

Às 9 horas em ponto, soou longe um apito forte e prolongado: era o início do jogo. Daquele momento em diante deviam estar todos atentos, pois a cada instante podiam ser surpreendidos pela passagem rápida ou disfarçada de um adversário, forçando a linha. Uma vez transposta essa divisa, o mal era sem remédio e o número de pontos decrescia na proporção das passagens efectuadas.

Decorreu um quarto de hora e à direita de Mário ouviu-se, de subito, a frase convencionada:

— É nulo!

Estava descoberto um adversário, que imediatamente entregou o seu lenço ao descobridor e sentou-se na linha, constituindo-se prisioneiro.

O guia Félix, uma vez iniciado o jogo, percorria lentamente os postos, verificando os prisioneiros. E o seu contentamento crescia, pois a linha resistia e já quatro Bem-te-vis estavam prisioneiros. Chegando ao posto ocupado por Mário, o guia, vendo-o entretido com as formigas, disse-lhe:

— Olha, Mário! Não estragues o exercício!

— Deixe estar!

— Deixe estar, não! Assim distraído não podes surprender ninguém... É um posto fraquíssimo o teu! Vigia bem... Cumpre a ordem que recebeste, Mário...

O rapaz ergueu-se, sacudiu as mãos para tirar a terra, e disse em tom aborrecido:

— Lá vem você com os sermões! Deixe estar que eu sei o que estou fazendo... Por aqui ninguém passa!

O guia seguiu o seu caminho, meneando a cabeça, desconsolado, mas sem insistir. Mário, logo que ele se afastou, murmurou:

—Exercício cacete! Até dá sono...

Depois erguendo o olhar para a árvore exclamou:

—Olá! Uma cajazeira... Vamos ver isso de perto.

E em dois minutos, tendo deixado no chão o chapéu, encarapitou-se no primeiro galho, de onde alcançou alguns frutos, que começou a colher e a saborear.

De um lado, por um tufo de plantas, surdiu lentamente uma cabeça, cujos olhos brilhantes não se desviavam do vulto de Mário, entregue à sua gulodice.

Com movimentos quase imper-

(Continua na 6.ª página)

✱ ✱ SECÇÃO TÉCNICA ✱ ✱

Insígnias de capacidade

PRÁTICO FLORESTAL

(CONCLUSÃO)

3.º — Conhecer os perigos a que tanto as árvores como as madeiras estão expostas.—Exemplo: fogo, neve, insectos, doenças e animais. Discutir os meios de combater estes perigos.

Pois bem, irmão Escoteiro, estamos aqui perante o nosso último colóquio desta tua terceira prova, não porque não haja matéria para muito mais, mas sim porque julgo (salvo melhor opinião dos teus superiores) que com o que hoje te digo, junto ao que já temos dito, ficas com o suficiente para saíres airoso dela.

Já falámos algures da *Terapêutica vegetal*, que é a parte da patologia que estuda os meios apropriados para combater as enfermidades e a sua aplicação prática, assim como dos produtos empregados para as mesmas, classificados em insecticidas e fungicidas, segundo seja para combater insectos ou plantas parasitas.

Conhecida a divisão dos insectos em mastigadores e sugadores, os insecticidas dividem-se também em duas classes:

Insecticidas de acção interna ou *ingeríveis* para os primeiros e *insecticidas de acção externa* ou *de contacto* para os segundos.

Continuando, enumeramos os insecticidas e fungicidas usualmente empregados.

De acção interna:

Pulverizações

Arseniato de chumbo. Arseniato de cálcio.

Iscos

Arseniato e arsenito sódicos.
Auto-arsenito de cobre (Verde de Paris).
Fosforeto de zinco.

De contacto:

Pulverizações

Nicotina e seus compostos.
Emulsões de gordura. Emulsões de petróleo.
Mistura de calda sulfocálcica.
Pelitre e piretinas.

Acção dupla:

(Interna e de contacto)

D. D. T. e «666».

Insecticidas que actuam em estado gasoso (Fumigantes):

Ácido cianídrico. Sulfato de carbono.
Anidrido sulfuroso.

Anticriptogâmicos

Pulverizações

(em líquido ou em pó, segundo os casos)

Sulfato de cobre. Oxicloreto de cobre.
Calda bordelesa. Calda borgonhesa.
Enxofre. Enxofres cúpricos.

À parte os citados, existem numerosas substâncias químicas que possuem propriedades insecticidas e fungicidas, mas, tendo em conta que o carácter da insígnia de capacidade requer sòmente conhecimentos gerais neste ponto, limito-me a mencionar-te apenas os produtos mais correntes, cuja eficácia tem sido suficientemente comprovada pela prática e que além disso reúnem maiores condições de economia, factor que se tem de ter muito em conta na luta contra as pragas da arboricultura e do campo em geral.

Pelo mesmo motivo, tão-pouco nos alargamos nesta secção, pois isso requer estudos superiores, e, nalguns casos, como no emprego dos fumigantes, permissões, e inclusivamente títulos especiais concedidos pelas Estações Fitopatológicas do Estado, por se tratar de matérias altamente venenosas e de complicada manipulação.

Para que a separação dos insecticidas e anticriptogâmicos seja perfeita, requer-se o emprego de aparelhos especiais chamados *Pulverizadores*, que distribuem os líquidos sob pressão, reduzindo-os a uma chuva finíssima.

Empregam-se tipos diferentes de pulverizadores, conforme a extensão do terreno a trabalhar, podendo classificar-se da seguinte forma:

De mão

De mochila { de pressão momentânea / » » prévia

De carrinho { à mão / a motor

De cuba ... { à mão / a motor

De tracção. { accionado por rodas / » » motor

Em todo o pulverizador temos que considerar três partes principais: depósito, lançador, ralo e agitador.

Depósito. É um recipiente que contém o líquido a empregar, variando a sua forma e capacidade, segundo o tipo.

Lançador. Está colocado no extremo do tubo de borracha por onde sai o líquido e está provido geralmente duma chave, dum filtro e, na extremidade, do ralo do pulverizador, sendo manejado pelo operador, para dirigir o jorro a lugar determinado.

Ralo. É o órgão principal do pulverizador visto ser o que efectua a divisão do líquido em pequenas gotas, pulverizando-o. Existem vários tipos, dando pràticamente o mesmo resultado.

Agitador. É um dispositivo que, movendo-se no interior do depósito, agita constantemente o líquido, sendo indispensável quando se usam produtos insolúveis (Arseniato de chumbo), para os manter em suspensão, ou nas emulsões de gordura, para tornar a emulsão mais homogénea.

Polvilhadores. Recebem este nome os aparelhos empregados para a pulverização dos insecticidas ou fungicidas em pó, constituídos na sua essência por um depósito, dispositivo injector de ar, que conduz o pó ao lançador, o qual termina num ralo em forma de leque.

Injectores. Para combater determinadas pragas, recorre-se às vezes à injecção no solo de certos produtos líquidos, que ao volatilizarem-se criam uma atmosfera tóxica para os insectos que vivem no terreno. Compõem-se dum depósito que contém o líquido a injectar com uma bomba que o empurra para o interior do cilindro, o qual termina numa agulheta situada na extremidade do punção de ferro, que se crava no solo e por onde sai o líquido.

A dose que se injecta em cada embolada regula-se por meio das ranhuras do eixo da bomba, assim como a profundidade por meio do pedal que o aparelho possui.

E nada mais, irmão Escoteiro. No nosso próximo colóquio falaremos do que respeita às outras provas.

Entretanto, saúde e boa caça.

RAFAEL PALÁCIOS
PICO DE ÁGUILA

Trad. do espanhol de *Lídia de Medeiros*.

Eng.º Jorge Pereira Jardim

O Sr. Eng.º Jorge Pereira Jardim, presidente da Associação dos Escoteiros de Portugal, foi agraciado com a grã-cruz da Ordem de Benemerência, pelos serviços prestados à Cruz Vermelha Portuguesa. Na sede desta Instituição realizou-se por este motivo uma sessão de homenagem, em que o Sr. General D. Fernando Pereira Coutinho fez o seu elogio.

O "SEMPRE PRONTO"
Vende-se em Lisboa na
Tabacaria Boa-Hora
Rua Nova do Almada, 46

OS NOSSOS CONTOS

O ESCOTEIRO É OBEDIENTE

(Continuação da 4.ª página)

ceptíveis, o Bem-te-vi, ao qual aqueles olhos pertenciam, ajeitou o corpo para a carreira, pois entre o tufo onde se ocultara e o terreno além da linha havia um limpo de mato, onde a visão era fácil; e ele sabia que bastava um grito de — É nulo! —, soltado por Mário, para que ele tivesse de se entregar.

Mário, porém, estava muito embebido na caçada aos cajás para que pudesse cumprir a sua missão; e, em dado momento, de um salto, o Bem-te-vi pôs-se a descoberto no limpo e atravessou a linha, deixando cair o seu chapéu — que era a prova de sua passagem — e ocultou-se na macega. Mário nada viu, mas o ruído das folhas pisadas pelo Bem-te-vi despertou-lhe a atenção e só então avistou em meio do limpo um chapéu, que não era o seu. Desceu ràpidamente e verificou que o seu posto havia sido violado.

A princípio ficou interdito com o chapéu do outro na mão. Depois, olhando para um e outro lado, encolheu os ombros e dispôs-se a ocultar a prova de sua desídia.

Nesse afã foi surpreendido pelo guia, que refazia a sua ronda, em sentido inverso.

— Que chapéu é esse? — interrogou Félix.

— Este é meu.

— Não mintas, Mário! O teu chapéu está ao pé da árvore. Foi forçado o teu posto!... Menos dez pontos para o nosso grupo! Eu bem te preveni. Espero que fique só nisto.

E o guia, desolado, seguiu na ronda, deixando o Mário perplexo com o chapéu do Bem-te-vi em punho.

— Tratante! — resmungou o rapaz, jogando o chapéu no chão. — Embaçou-me! Mas garanto que outro não passa!

Por alguns momentos o escoteiro ficou alerta, mas em breve se fatigou da expectativa e, encostando-se ao tronco da cajazeira, resmungou:

— Já passou um... outro não passa. O raio não cai duas vezes no mesmo lugar!

Atirou um olhar guloso aos cajás que amareleciam a fronde da árvore. Depois começou a limpar as unhas com um gravetozinho.

III

Félix, continuando a sua inspecção, verificou que mais três Bem-te-vis haviam sido aprisionados, o que lhe compensou a desilusão com a passagem do posto do Mário. Ia prosseguir quando um ruído de luta, três postos à retaguarda, o fez retroceder, correndo. No posto de Mário, deparou-se-lhe então um espectáculo que o encheu de tristeza.

Mário, atracado com um Bem-te-vi, rolava pelo chão, em luta corporal. De um salto, o guia caiu sobre o grupo e violentamente separou os combatentes.

— Que é isto?

Os dois rapazes estavam à sua frente, olhando-se torvamente, ambos com as roupas em desalinho, os cabelos desordenados e as faces incendidas e agatanhadas. Nas mãos do Bem-te-vi estava o cinto de Mário, e nas deste o lenço do Bem-te-te-vi.

— Foi ele! — exclamou, este apontando Mário. — Foi ele que me agrediu... Eu defendi-me!

— Eu não agredi! — contestou Mário. — Ele é que se recusou a entregar o lenço...

— Retire-se para o primeiro posto à retaguarda e espere-me lá! — ordenou o guia.

O rapaz resmungando e concertando os cabelos, ainda resfolegante da luta, afastou-se, e Félix ficou só com o Bem-te-vi.

— Porque não quiseste entregar o lenço? — perguntou ele.

— Seu guia, ele não cumpriu o jogo.

— Como assim?

— Eu vinha-me esgueirando para passar, quando ele estava distraído, encostado na árvore e limpando as unhas. Ele viu-me e em vez de gritar «É nulo!», saltou em cima de mim, para me tirar o lenço à força, gritando: «Desta vez vocês pagam-me!» Eu então defendi-me!...

— Espera-me aqui.

— Sim, senhor.

E o Bem-te-vi começou a recompor o vestuário, enquanto o guia se encaminhava para o outro posto onde estava Mário, com as feições ainda contraídas, à sua espera.

— Conta-me como se passou o facto! — disse o guia ao rapaz.

— Foi assim: eu estava encostado à árvore, vigiando...

— ... e limpando as unhas...

Mário mordeu os lábios e continuou:

— ... quando vi o ... o escoteiro que queria passar. Eu, então, gritei: «É nulo!» Mas ele não quis entregar o lenço.

— Devias tomar nota dele e deixá-lo passar. Nunca segurá-lo. Era a ordem!

— Mas ele me chamou bobo!

— Não é verdade! Como não é verdade que tenhas gritado: «É nulo!»

— Disse...

— O que tu disseste foi: «Desta vez vocês pagam-me!» E quiseste tirar à força o lenço do Bem-te-vi...

— E tirei! Está aqui!

— Tens o lenço, mas ele tem o teu cinto. Prova material da luta. Por justiça devo considerar forçado o teu posto pela segunda vez!

Mário baixou a cabeça. O guia continuou:

— Desobedeceste, infringindo a disciplina. Fazes-nos perder o jogo, e talvez aconteça cousa pior! Reflecte e fica aqui. Dá-me esse lenço... Vou tomar conta do teu posto, já que não sabes cumprir o teu dever!

Com estas palavras o guia Félix voltou ao lugar da luta, encontrando o Bem-te-vi, sentado, à sua espera.

— Podes passar! — disse-lhe o guia. — O posto foi considerado forçado.

— Não passo. A verdade é que eu fui descoberto.

— Mas não entregaste o lenço...

— Porque não recebi a intimação de nulo!

— Mas o lenço foi tomado...

— E eu fiquei com o cinto dele...

— Faze como entenderes. Se passares, o ponto não nos será contado, porque eu te restituo o lenço. E também não será contado, se ficares, porque não temos o lenço que eu te entrego, em troca do cinto.

— Aqui está o cinto. Mas fique com o lenço; eu entrego-o agora.

— És generoso como um verdadeiro escoteiro. Completa a tua generosidade...

O Bem-te-vi olhou um sorriso, para o guia e respondeu:

— Por mim... Mas não sei se ele quer...

— Vamos ver.

O guia foi buscar Mário, que colocou, sem dizer palavra, em frente do Bem-te-vi.

— Aqui está o teu cinto! — disse este.

Mário recolheu o cinto que colocou no lugar próprio. O outro continuou:

— E aqui está o lenço. Sou teu prisioneiro.

Mário olhou para o Bem-te-vi, que sorria.

— Toma o lenço e dá-me um abraço! Somos irmãos, não é?

Mário comprendeu e sentiu que os olhos se lhe enchiam de lágrimas. Comparou a generosidade do outro escoteiro com a sua indisciplina, mas sentiu-se perdoado. Recebeu o lenço e lançou-o ao pescoço do Bem-te-vi; e abraçando o colega, disse:

— Perdoa-me. Fui bruto e não soube obedecer!

Depois, afastando-se um pouco, fez-lhe a saudação escoteira e concluiu:

(Conclui na 8.ª página)



I — MONTAÑISMO

Por Enrique Genovés Guillem (1)

O nosso distinto camarada e colaborador efectivo E. G. — que os leitores do *Sempre Pronto* bem conhecem, através da assídua colaboração neste jornal — acaba de editar um magnífico volume, incluído na *Colección Aire Libre,* em que já aparecem alguns outros relativos a diferentes desportos.

Com a sua experiência pessoal de antigo escoteiro, E. G. dá-nos um belo trabalho, demonstrativo não só da sua especial competência no «montanhismo» — que em Portugal tão poucos adeptos conta ainda, exceptuando os da modalidade particular de *ski*—, como também das suas qualidades de escritor, pela forma como expõe e explica.

Desde a composição do equipamento e seu condicionamento, até à prática em plena montanha, de tudo nos esclarece E. G., cuidadoso em fornecer todos os elementos que a sua longa experiência lhe ensinou, por forma que o «montanhista» aprendiz não tenha de encontrar-se, em tantos casos, em presença de sérios dissabores e percalços, quando não do irremediável, provocado pela sua inexperiência. Particularmente no que diz respeito às ascensões a montes cobertos de neve, os conselhos de E. G. são prudentes e sensatos.

O volume é profusamente ilustrado com desenhos do Autor, que se revela com eles artista de muito merecimento.

Em apêndice, indica as obras de que se serviu para valorizar a sua experiência pessoal, e que podem servir também para consulta de quantos sintam entusiasmo por este magnífico desporto, dos mais completos e sadios que se conhecem.

Edição em excelente papel e com óptima apresentação.

Gratos pelo exemplar oferecido.

O RATO SÁBIO

(1) Editorial Juventud. Barcelona. 1950. 158 pág., 35 pesetas.

N. da R. — O «Sempre Pronto» *inicia hoje esta secção bibliográfica a cargo de um dos seus mais dedicados colaboradores efectivos, cuja competência literária e espírito crítico são garantia de uma eficiente apreciação de todas as obras de que nos forem remetidos dois exemplares, quer sejam de carácter técnico ou doutrinário, quer novela, romance ou outro género.*

O CHEFE PERANTE A SUA MISSÃO

(Conclusão da 1.ª página)

A cidade de Valência, em Espanha, é atravessada pelo leito seco de um rio — o Guadalaviar. Porque se extinguiu o caudal desse rio? É que as suas águas espalharam-se pelas ubérrimas planícies daquela região valenciana — as conhecidas *huertas,* — tornando-as tão produtivas que o agricultor pode fazer a sega quatro vezes ao ano! A atitude do verdadeiro escoteiro-chefe pode, em parte, comparar-se a este rio: ele tem de empregar todo o manancial do seu saber, do seu entusiasmo e da sua fé na tarefa a que meteu ombros e só assim ela produzirá fruto abundante. E esta disposição, longe de representar um sacrifício, transformar-se-á num factor de felicidade, porquanto, como disse o Fundador, se dermos a felicidade aos outros, receberemos dessa mesma felicidade em troca. Estude-se a vida dessas grandes figuras que foram Lincoln, Pestalozzi, S. Francisco de Assis, Florência Nightingale, S. Vicente de Paulo e outros, e ver-se-á como a suas vidas foram empolgadas pela obra que realizaram.

Inércia, monotonia, descontinuidade... Se estudássemos os motivos porque se têm estiolado alguns dos nossos grupos, veríamos decerto que o vírus que produziu esse aniquilamento não foi outro. Confessemos que nada se poderá conseguir se não impregnarmos o nosso trabalho com todo o saber, com todo o desvelo e dedicação. São estes alguns dos predicados que os chefes têm de buscar e desenvolver para valorizar o seu trabalho, e torná-lo, além de próspero, vivo e eficaz. Se assim não se proceder, podemos continuar a *marcar passo* mas nunca a fazer Escotismo. Nessa altura, porém, já não haverá motivo para admiração quando virmos os nossos grupos definhar enquanto outros seguem decididamente o trilho certo e seguro.

JOEL RIBEIRO

ATÉ QUANDO?

(Conclusão da 8.ª página)

unido, sem mais diferença que as numéricas impostas pelos efectivos de cada associação, dando lugar a que o «Jamboree» fosse o êxito que todos conhecemos, e permitindo ao Escotismo Francês alcançar o auge e prestígio que actualmente possui.

A união — quando não a unidade — escotista em cada Nação foi uma das constantes preocupações de B.-P., preocupação que aflorava constantemente nos seus escritos, nas suas palestras, nas suas mensagens aos escoteiros. E a união nacional escotista é preocupação não desaparecida ainda completamente da mente dos dirigentes escotistas mundiais, já que algum país mantém a divisão.

Eu sei que nos Escoteiros e nos Escutas existe também a inquietação da união, o afã da fraternidade, a preocupação por chegar a um estado de coisas mais de harmonia com os belos ideais que B.-P. nos legou. Sei que há nos corações uma ânsia contida de oferecer os braços abertos... Porém o tempo passa e ninguém se atreve a ser o primeiro no gesto amável, no convite carinhoso, na oferta concreta.

E o Escotismo português segue, entretanto, a sua marcha penosa para diante, desgastando-se em esforços parciais, consumindo umas energias preciosas, atrasando, sem querer, o alcançar um posto proeminente nos meios educativos.

Até quando? Os melhores Chefes de ambas as associações têm a palavra. Eu, de todo o coração, desejo-lhes uma boa marcha para a UNIÃO.

ENRIQUE GENOVÉS
«OJO DE LINCE»

CURIOSIDADES

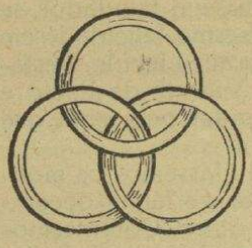
Um livreiro americano fez um inquérito entre os seus clientes para saber qual a influência a que obedecem quando se decidem a comprar um livro. Recebeu dez mil respostas.

Por um artigo de periódico ou revista	3454
Por anúncio	2460
Por recomendação dum amigo	1219
Pela reputação do autor	640
Por verem na montra	420
Pelo tema	409
Por recomendação do livreiro	383
Por distracção	270
Pelo título	199
Pela apresentação do livro	191
Por consultá-lo na livraria	180
Pelo catálogo ou circular	156
Por recomendação dum professor	64

ATÉ QUANDO?

«As comemorações do 1.º de Dezembro.— ... desfilando, chegaram junto ao Monumento dos Restauradores, onde o Chefe Regional dos Escoteiros depositou um ramo de flores. Poucos minutos antes dos Escoteiros de Portugal, tinha desfilado frente ao Monumento e prestado igual homenagem, a Região de Lisboa do Corpo Nacional de Escutas».

A notícia anterior foi publicada neste mesmo periódico e a sua leitura causou um certo assombro. Assombro, não de que o Escotismo português estivesse presente na comemoração do Dia da Restauração, porque isto é o que lògicamente se deve esperar dos princípios cívicos e patrióticos que caracterizam o nosso Movimento. Não; porém estranheza sim de que as duas associações escotistas existentes no país, as duas associações irmãs pelos seus fins, seus métodos, seus uniformes, sua flor de lis, seu enquadramento na Grande Família Escotista Mundial, se apresentassem a render a pública homenagem aos Restauradores, a horas diferentes, separadas, ignorando-se uma à outra. Se a notícia causou em mim, sincero amigo dos Escoteiros e Escutas, como sou de todos os escoteiros indistintamente, uma dolorosa impressão, a mesma dolorosa impressão que me causaria o ver a dois irmãos gémeos zangados e sem dirigir-se sequer a saudação.



O ver desfilar brilhantemente pelas ruas de Lisboa os Escoteiros e Escutas a horas diferentes, ainda que ambos se dirigissem a um mesmo acto, haverá causado dor nos corações daqueles que conhecem bem o nosso Movimento, e, portanto, nos esperam; e estranheza naqueles que, sem saber de nós grande coisa, conhecem os nossos ideais de fraternidade mundial, o nosso amor à Pátria, o nosso serviço a Deus; a mesma estranheza que sentiríamos todos se alguma vez, em qualquer festa cívica, víssemos que o Exército desfilava perante o Presidente da República em grupos alternados, cada um por sua conta, e a horas diferentes, como se a Artilharia, a Infantaria e a Cavalaria não fizessem parte de um mesmo Exército, de uma mesma força com idêntica missão para com a Pátria.

Por mais que intentemos, não encontramos justificação para o desfile separado. Na ordem externa, de propaganda do nosso Movimento ante a cidade, é melhor um contingente importante de escoteiros, que dois contingentes pequenos. Vê-se mais, entra mais pelos olhos, dá maior sensação de pujança. Não sou partidário das formaturas escotistas, porém, se há que fazê-las, que se façam importantes. O contrário parece «um quero e não posso». Na ordem interna, a nossa, dos nossos rapazes, que razões poderão alegar-se a favor da separação, que não se choquem com a ideia de fraternidade que é consubstancial aos escoteiros de todo o mundo?

Quem teve a culpa de que as coisas se fizessem assim? Possìvelmente ninguém. É seguro que não houve premeditação nem má fé alguma, nem em Escutas nem em Escoteiros. Cada associação planeou o seu desfile, a sua homenagem, de um modo independente, como consequência natural desse estado de coisas que existe no escotismo português, dessa dualidade de associações sem conexão orgânica, sem contactos oficialmente cordiais, sem união sequer entre os organismos superiores.

Não é Portugal o único país onde existe mais de uma associação escotista, porém talvez seja o único onde não se chegou ainda a uma Federação do Movimento Nacional, evidenciando com isso um estado de atraso em relação ao resto do mundo, que assombra um pouco, visto o provado entusiasmo dos dirigentes de ambas as associações. França, Bélgica, Itália, Luxemburgo, Líbano, Suécia e Suíça, são países que têm mais de uma associação, porém em todos eles existe uma federação, um acordo, um organismo de união que coordena planos, esforços, que representa a todo o escotismo entre a Pátria e o estrangeiro; o que não é obstáculo para que cada associação conserve as suas respectivas peculiaridades. E isto ainda que em alguns países, além das diferenças de religião, existam diferenças raciais e de língua, como ocorre na Suíça, que fala três idiomas.

Contudo, isso não impede que se realizem empresas comuns, manifestações únicas, esforços congregados. Todo o imenso trabalho de organização que supôs a organização do «Jamboree» da Paz, logo após a maior guerra da história, foi possível realizá-lo porque todas as associações escotistas francesas, as quatro, sem distinções de nenhuma classe e unidas no alto, levaram ombro a ombro a tarefa comum, num esforço

(Conclui na 7.ª página)

OS NOSSOS CONTOS

O ESCOTEIRO É OBEDIENTE

(Conclusão da 6.ª página)

— Podes passar!

Nesse momento ouviu-se uma explosão de dinamite que marcava o fim do exercício.

— Agora mesmo é que eu não passo!—exclamou rindo-se o Bem-te-vi.

O guia levou à boca o apito e por três vezes o fez silvar. Ordem para recolher os postos.

Em breve surdiam na praia os escoteiros daquele grupo, conduzindo onze Bem-te-vis aprisionados. De outro lado vinham também chegando os outros grupos, até que em menos de meia hora estavam reunidos todos os escoteiros que haviam tomado parte no exercício. Os árbitros ouviram o relatório sucinto dos chefes e decidiram anular todo o exercício pelas irregularidades havidas no grupo dos Corcorocas. Recebiam menção honrosa os Tubarões, os Bem-te-vis e os Pica-paus.

— Vocês viram que a nulidade não partiu de nós,—comentou o guia Félix. —Entretanto, se não fosse essa nulidade dos Corcorocas, talvez todo o jogo estivesse comprometido, para nós, pela indisciplina de um dos nossos escoteiros, que em vez de obedecer às ordens recebidas, entendeu fazer o que bem quis. É de crer que a lição lhe tenha aproveitado e, por isso, não lhe declaro o nome.

—Mas declaro eu!—exclamou o Mário.—E se não fui mais culpado ainda, é porque fui perdoado por este Bem-te-vi, que me deu uma lição de generosidade.

E abraçando o Bem-te-vi, continuou:

— Mas prometo que, de agora em diante, saberei obedecer, pois compreendi que da disciplina de um só depende, às vezes, o sucesso de todo o grupo!

Depois, fazendo uma careta aos companheiros, Mário terminou alegremente:

— Falei bem e não cuspi! Ninguém aplaude?

O guia Félix, satisfeito, deu o sinal para uma salva de palmas, que encerrou o *gosmado* do Pica-pau Mário.

BENEVENUTO CELLINI

Nós, os escoteiros, os de ontem como os de hoje e os de amanhã, somos os discípulos de Baden-Powell. Com orgulho reclamamos esse título, que nos faz conhecidos em todo o Mundo e nos abre todas as portas.

Belo Redondo